

INTRODUÇÃO:

No Prefácio de seu *Novos Ensaios Sobre o Entendimento Humano* (1704), Leibniz afirma que existe uma série de percepções em nós, almas humanas, sem apercepção e sem reflexão, i.e., **inconscientes**, que apresentam-se como fundamentais para a compreensão de muitas coisas, e inserem-se como importante elemento explicativo nas mais variadas temáticas desenvolvidas ao longo da obra, a saber: o conhecimento, a moral, a psicologia, a física e a metafísica. A essas percepções, o filósofo nomeou ‘insensíveis’ e ‘pequenas’, por não provocarem qualquer sentimento consciente na alma:

existe uma série de indícios que nos autorizam a crer que existe a todo momento uma infinidade de percepções em nós, porém sem qualquer apercepção e sem reflexão (...). Essas pequenas percepções, devido às suas conseqüências, são por conseguinte mais eficazes do que se pensa. São elas que formam este não sei quê, esses gostos, essas imagens das qualidades dos sentidos, claras no conjunto, porém, confusas nas suas partes individuais, essas impressões que os corpos circunstantes produzem em nós, que envolvem o infinito, esta ligação que cada ser possui com todo o resto do universo. Pode-se até dizer que em conseqüência dessas pequenas percepções, o presente é grande e o futuro está carregado do passado, que tudo é convergente (*sympnoia panta*, como dizia Hipócrates), e que na mais insignificante das substâncias, olhos penetrantes como os de Deus poderiam ler todo o desenrolar presente e futuro das coisas que compõem o universo. (...) [elas ainda] constituem o próprio indivíduo, que é caracterizado pelos vestígios ou expressões que elas conservam dos estados anteriores deste indivíduo, fazendo a conexão com o seu estado atual, percepções que se podem conhecer por um espírito superior, mesmo que este indivíduo não as pudesse sentir, isto é, quando a recordação explícita não estivesse mais presente. Aliás, essas pequenas percepções possibilitam até reencontrar esta recordação, se necessário, através de evoluções periódicas que podem ocorrer um dia. É também pelas percepções insensíveis que se explica esta admirável harmonia preestabelecida da alma e do corpo, e mesmo de todas as Mônadas ou substâncias simples (...). Depois disso acrescentaria pouca coisa se dissesse que são essas pequenas percepções que nos determinam em muitas ocasiões sem que pensemos [pois] produzem em nós essa inquietação que demonstrarei consistir em algo que difere da dor apenas como o pequeno difere do grande, inquietação que constitui muitas vezes o nosso desejo e o nosso prazer, dando a estes, por assim dizer, um sal picante. São também as partes insensíveis das nossas percepções sensíveis que fazem com que exista uma relação entre essas percepções das cores, dos calores e outras qualidades sensíveis, e entre os movimentos nos corpos que lhes correspondem (...). Em uma palavra, as *percepções insensíveis*, são de uso tão vasto na pneumática quanto os corpúsculos insensíveis o são na física, sendo igualmente irracional rejeitar uns e outros (...). Observei também que em virtude das variações insensíveis, duas coisas individuais não podem ser completamente semelhantes, devendo sempre diferir uma da outra mais do que *número*, o que aniquila as assim chamadas lousas vazias da alma, como aniquila a possibilidade de uma alma destituída de pensamentos (...), o vazio do espaço, os átomos, e até parcelas não atualmente divididas na matéria, o repouso puro, a uniformidade completa em toda parte do tempo, do lugar ou da matéria, os globos perfeitos do segundo elemento, nascidos dos cubos perfeitos originários, e uma infinidade de outras ficções dos filósofos, que procedem das suas noções incompletas e que são incompatíveis com a natureza das coisas (...). Do contrário, se acreditássemos que as coisas das quais não nos apercebemos não estão na alma ou no corpo, faltaríamos

contra a filosofia como contra a política, negligenciando *tó mikrón*, os progressos insensíveis (...). Este conhecimento das percepções insensíveis serve outrossim para explicar por que e de que maneira duas almas humanas ou de uma mesma espécie não saem jamais completamente semelhantes das mãos do Criador e cada qual delas tem sempre a sua relação originária aos pontos de vista que terão no universo” (NE, Pref. pp.41-4).

Em vista da importância dispensada por Leibniz a essas percepções¹, nossa Dissertação de Mestrado terá como objeto específico o conceito de percepção inconsciente. A partir do qual, buscaremos analisar e desenvolver os temas que acima discernimos, e que Leibniz afirma serem passíveis de explicação por meio do inconscientemente percebido.

A fonte primária e mais importante de nossa pesquisa será os *Novos Ensaios Sobre o Entendimento Humano*², visto ser esta a obra onde Leibniz melhor desenvolve o tema das percepções inconscientes. O que não deve implicar em uma restrição rigorosa de nossas fontes de investigação, dado que buscaremos apoio em outros de seus escritos e obras, atentando sempre para as possíveis mudanças de ordem conceitual, concernentes ao tema, que possam estar envolvidas nestes textos auxiliares em comparação com as que foram estabelecidas na obra principal de nossa análise.

Para dar conta do tema de nossa pesquisa, dividiremos a Dissertação em duas partes. Na primeira, analisaremos o conceito de percepção inconsciente *in abstracto*, a fim de compreendermos ao que ele se refere, qual a natureza desta referência, e como pode ser definido. Na segunda parte, buscaremos analisar as percepções inconscientes *in re*, examinando como Leibniz prova a existência real dessas percepções, e como elas efetivamente se inserem nas argumentações que o filósofo

¹ Broad, em seu *Leibniz: an introduction*, também ressalta a importância das percepções inconscientes na filosofia de Leibniz: “Vamos [examinar] agora os usos que Leibniz fez da doutrina das experiências inconscientes em sua própria filosofia. A doutrina foi absolutamente essencial para alguns propósitos e muito útil para outros. Leibniz enumera-os nos *Novos Ensaios*”. BROAD, C. D. *Leibniz, na introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p.136. E do mesmo modo, Bertrand Russell: “Parece evidente que a percepção inconsciente é a mais fundamental, e que as outras derivam de sua aceitação”. RUSSELL. *A Filosofia de Leibniz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, p.157. Cf. ainda JOLLEY, N. *Leibniz and Locke: a study of the New Essays on Human Understanding*. Oxford: Clarendon Press, 1984, p.107; MCRAE, R. *Leibniz: Perception, Apperception, and Thought*. Toronto and Buffalo: University of Toronto Press, 1976, p.17; RESCHER, N. *The philosophy of Leibniz*, Englewood Cliffs, N.J, 1967, pp.133-4.

² Desenvolvido como uma crítica ao pensamento do filósofo inglês John Locke, autor dos *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690), o *Novos ensaios* foi escrito por Leibniz na forma de um diálogo, e apresenta o debate entre duas personagens: Teófilo, representante de Leibniz, e Filaletto, representante de Locke.

desenvolve ao longo dos *Novos Ensaios* em relação aos temas do conhecimento, da moralidade, da psicologia, da física e da metafísica.

Apesar de não termos nenhuma hipótese central orientadora para a nossa Dissertação, dado que realmente buscamos fazer apenas uma **exposição** o mais objetiva possível sobre um tema específico do pensamento de Leibniz, devemos assinalar a presença de uma hipótese desenvolvida ao fim deste trabalho.

De acordo com Leibniz, no Prefácio dos *Novos Ensaios*, as percepções inconscientes têm um papel fundamental na explicação de muitos temas ligados à Física e à Metafísica. Todavia, apesar das inúmeras alusões, e de constar como uma real pretensão expositiva do autor, a explicação dos temas citados por via das percepções inconscientes é apenas precária e parcialmente desenvolvida nos *Novos Ensaios*, não estando presente também em nenhum dos escritos de sua autoria que tivemos a oportunidade de analisar (cf. Bibliografia).

Por conta disso, e apoiados na manifesta pretensão de Leibniz, desenvolvemos a hipótese de que realmente é possível esta passagem explicativa das percepções inconscientes para as teses de natureza física e metafísica de seu pensamento. O que demonstraremos no último capítulo da Parte II deste trabalho.

ABREVIATURAS:

- CF** *Confessio Philosophi. La profession de foi du philosophe.* Trad. Otto Saame. Frankfurt, 1967.
- DM** *Discours de métaphysique.* Paris: Gallimar, 1995.
- GP** *Leibniziens philosophischen Schriften.* Ed. Gerhardt, 7 vols.. Hildesheim, 1960-1.
- Monad.** *Monadologie.* Paris: Gallimar, 1995.
- NE** *Nouveaux essais sur l'entendement humain.* Paris: Flammarion, 1990.
- PNG** *Principes de la nature et de la grâce fondés en raison.* Paris: PUF, 1986.
- Teod.** *Théodicée.* Paris: Flammarion, 1969.

Advertência:

1. De acordo com Leibniz, no que diz respeito à exatidão das verdades metafísicas, os corpos não devem ser considerados entidades existentes por si mesmas, independentemente das almas, mas, apenas, representações que as almas trazem consigo, pois, a rigor, somente as almas existem por si mesmas (*unum per se*) e são as verdadeiras substâncias presentes no plano da criação.

2. Todavia, nos *Novos Ensaios Sobre o Entendimento Humano* - texto base de nossa pesquisa -, Leibniz observa que a existência dos pensamentos confusos na alma não pode ser explicada a partir da consideração da própria alma, mas do corpo. Quer dizer, do corpo orgânico ao qual toda alma está ligada, e de que este corpo está sendo afetado pelos corpos circundantes.

2.1. Mas o que precisamente significa dizer que a existência dos pensamentos confusos na alma não pode ser explicada a partir da consideração da própria alma, tendo de se levar em conta, para esta explicação, o corpo orgânico a que ela está ligada? Pelo conceito de **explicação**, significa dizer que o corpo será tomado - de certa maneira - como razão desses pensamentos. Ou, pelo menos, como a melhor razão, para que de maneira mais distinta sejam desenvolvidos os argumentos sobre o tema dos pensamentos confusos. E pela afirmação de que “não se considerará a alma” nessa explicação, significa dizer que os corpos serão tomados *como se* subsistissem independentemente das almas. Ou seja, essa explicação não se desenvolverá a partir da metafísica de Leibniz:

O autor [Locke] tem razão em dizer que geralmente todas essas inclinações, paixões, prazeres e dores pertencem apenas ao espírito, ou à alma. Eu acrescentaria até que sua origem está na própria alma, considerando as coisas com um certo rigor metafísico; e, **todavia, temos razão em dizer que os pensamentos confusos provêm do corpo, pois nisso a consideração do corpo, e não a da alma, fornece alguma coisa de distinto e de explicável**’ (A, VI, 6, p.195; II. xxi. §41).

2.2. Por conta dessa afirmação de Leibniz, poder-se-ia supor, que a “consideração do corpo” se restringisse apenas ao tema dos pensamentos confusos na alma, dado que o filósofo não se refere a outros temas na passagem citada acima. Todavia, sabemos que o tema dos pensamentos confusos se liga ao tema das afetações sensoriais. E que o tema das afetações sensoriais se liga ao tema da *consciência*, e este a vários outros: “Direi que temos uma *sensação*, quando *nos*

apercebemos de um objeto externo” (NE, II.xix.§1, p.127)³. De tal maneira que a “consideração do corpo” não explica apenas a existência dos pensamentos confusos na alma, mas, também, uma grande variedade de outros temas coligados. E, dentre esses, o das percepções inconscientes, que é o objeto de nossa pesquisa⁴.

O tema das percepções inconscientes, porém, não se liga apenas à consideração dos corpos tomados *como se* existissem independentemente das almas. Ele também se liga à consideração das almas. Todavia, não das almas enquanto **substâncias**, pela metafísica, mas das almas enquanto portadoras de idéias e princípios inatos.

3. Logo, por conta dessas ponderações preliminares, não é de se estranhar que não se encontrem, ou se encontrem muito poucas, menções aos temas de caráter metafísico da filosofia de Leibniz em nossa Dissertação. Principalmente, porque tentamos ser o mais circunspeto e específico possível na apresentação de nosso trabalho.

³ Isto é, temos uma sensação quando tomamos **consciência** de um objeto externo. E a expressão “objeto externo” confirma nossa interpretação da frase “consideração do corpo”, empregada na passagem anterior. Ou seja, de que em relação a alguns temas da filosofia de Leibniz, os corpos devem ser considerados como entidades externas à alma, *como se* existissem independentemente dela.

⁴ Os pensamentos confusos relativos aos corpos são percepções inconscientes na alma.